

Um portentoso instrumento de contacto humano: a poesia de Primo Levi entre o antifascismo e Israel

RUI MIGUEL RIBEIRO (POETA, TRADUTOR E PESQUISADOR INDEPENDENTE)

RESUMO

A poesia de Primo Levi permanece menos notada e conhecida por parte dos seus leitores. Para isso terá contribuído a sua tardia reunião em livro, onde o próprio, no texto que abre o volume *A uma hora incerta*, a apresenta em tom menor e a atribui ao seu lado menos racional. Embora já tenha sido estudado como os poemas de Levi, sobretudo os das primeiras décadas da sua escrita, antecipam e tematizam aquilo que viriam a ser as suas obras em prosa, é necessário acrescentar a esses estudos a análise de que a partir da década de 1960 a sua poesia parece representar uma autonomia ou uma via paralela, mais pessoal, relativamente à sua obra. Além disso, uma leitura mais atenta pode encontrar nos poemas um processo de germinação, aplicado às suas tomadas de posição, agindo, como o autor refere, enquanto «via directa» para com o público. Neste texto procuro assinalar não só a autonomia da sua poesia a partir de 1960 face à prosa de Levi, mas também as confluências entre poesia e participação civil, em particular no que diz respeito a sua tomada de posição face ao Estado de Israel, à memória da *Solução Final* nazi e de outros massacres, e finalmente, sobre as sementes do fascismo para as quais Primo Levi nunca deixou de procurar alertar os seus coetâneos e as novas gerações.

PALAVRAS-CHAVE

Primo Levi, poesia, Israel, memória, antifascismo, judaísmo, diáspora.

ABSTRACT

Primo Levi's poetry remains relatively overlooked and lesser known among his readership. This relative marginalization may be attributed, in part, to the late publication of his poems in book form, where Levi himself, in the introductory text to the volume *At an Uncertain Hour*, presents them in a modest register, associating them with what he describes as his less rational side. While previous scholarship has examined how Levi's early poetry—particularly that written during the initial decades of his literary activity—anticipates and thematizes elements that would later be fully developed in his prose works, it is necessary to expand upon these studies by considering how, beginning in the 1960s, his poetry appears to acquire a certain autonomy or to constitute a parallel and more personal trajectory alongside his prose. Moreover, a closer reading reveals in these poems a process of germination through which Levi articulates his positions and reflections, functioning, as he himself suggests, as a “direct channel” of communication with the public. The present study aims to demonstrate not only the growing independence of Levi's poetry after 1960 in relation to his prose but also the intersections between poetry and civic engagement. Particular attention is given to his stance on the State of Israel, the remembrance of the Nazi Final Solution and other massacres, and, ultimately, to the enduring warning he sought to convey regarding the latent seeds of fascism—a warning addressed both to his contemporaries and to future generations.

KEYWORDS

Primo Levi, poetry, Israel, memory, antifascism, Judaism, diaspora.

Um portentoso instrumento de contacto humano:

a poesia de Primo Levi entre o antifascismo e Israel¹

RUI MIGUEL RIBEIRO (POETA, TRADUTOR E PESQUISADOR INDEPENDENTE)

Introdução:

Em 1963, ultrapassada a atribulada experiência da publicação do seu primeiro livro, *Se questo è un uomo* [*Se isto é um homem*] e com a publicação de *La Tregua* [*A Trégua*], Primo Levi alcançava em Itália um reconhecimento literário mais alargado: era finalista do Prémio Strega e vencedor do recém-criado Prémio Campiello. Tal não o impediria de continuar a apresentar-se como um «escritor por acaso» movido pelo imperativo de ser porta-voz de uma experiência e da defesa de uma memória. Numa entrevista desse mesmo ano, Levi manifesta o desejo de dar por concluído o seu trabalho sobre a experiência vivida no *Lager*. Questionado a esse propósito, responde: «Ah, sim, nem mais uma palavra. Mais nada. O que tinha para dizer, já o disse. Está completamente terminado.»

São raras as entrevistas que dará entre 1964 e 1977, dedicando-se ao seu trabalho de químico na fábrica Siva em Settimo Torinese, enquanto director técnico e, a partir de 1966, como director geral. Nesse mesmo ano, recorrendo ao pseudónimo Damiano Malabaila, publica o livro de contos *Storie Naturali* [*Histórias Naturais*] (título colhido na obra de Plínio, o Velho), alguns deles publicados em primeira mão na revista *Il Mondo* e no jornal *Il Giorno*.²

Durante os dez anos seguintes, Primo Levi marcou uma presença discreta no meio literário e na imprensa, tendo uma pequena, ainda que regular, colaboração com o periódico *La Stampa*, na rubrica «Terza pagina», onde, além de pequenos contos e crónicas inicia a publicação de poemas. Em 1971, regressa à edição com um segundo livro de contos *Vizio di forma* [*Vício de Forma*]. O trabalho na fábrica intensifica-se, e Levi assume a sua direcção, o que o leva a fazer muitas viagens à Alemanha e à União Soviética. Em 1975 toma a decisão de se reformar renunciando à sua «alma número um», a de químico, e sentindo-se renascer para a escrita. Em 1975 publica *Il Sistema*

1. Este texto é um excerto adaptado, com modificações, do posfácio à edição portuguesa de *A uma hora incerta*, intitulado «Primo Levi, um estranho poder de falar», publicado pelas Edições do Saguão (Levi, 2024, p. 217). Todas as traduções, salvo explicitamente indicado, são de minha autoria.

2. Tomo estes primeiros parágrafos como um atalho para nos aproximar temporalmente do assunto deste texto. Os detalhes sobre a biografia e o início do percurso literário de Primo Levi, podem ser consultados, por exemplo, em Levi, 2018 e Thomson, 2002

Periodico [A *Tabela Periódica*] e, discretamente, num pequeno editor de Milão a sua primeira recolha de poemas: *Osteria di Brema* [A *Taberna de Bremen*], com vinte e sete poemas. A data do cólofon assinalava: 25 de Abril de 1975, trigésimo aniversário da Libertação da Itália do fascismo.

Este pequeno volume, cuja quantidade de poemas é inferior ao intervalo temporal que os baliza (de 1943 a 1974), é em si mesmo um indício da relação de Levi com a escrita de poesia, tal como o próprio refere numa das suas últimas entrevistas:

Eu sou um poeta ocasional: feitas as contas, escrevi pouco mais do que um poema por ano na minha vida, embora haja períodos em que me ponha espontaneamente a escrever em versos. Mas é uma actividade que não tem nada a ver com nenhuma outra actividade mental que eu conheça. É algo completamente diferente: é como um cogumelo que cresce durante a noite, acordamos de manhã com um poema na cabeça ou, pelo menos, com o cerne de um. Depois, é um trabalho de longas variações e correcções contínuas [...] (Caro, 1987).

Neste livro encontramos dois poemas que se referem ao período que antecede a deslocação forçada de Primo Levi para o campo de Buna-Monowitz, após a sua captura enquanto *partigiano*, membro das brigadas *Giustizia e Libertà*: o poema de abertura, «Crescenzago», uma vila nos arredores de Milão, onde Levi teve um dos seus primeiros empregos; e o poema «O entardecer em Fossoli», campo onde esteve detido após a sua captura e onde eram seleccionados os prisioneiros destinados à deportação. Em ambos, versos de outras proveniências ressoam em forma de glosa ou citação, um recurso que Levi adoptará mais vezes, seja por via de cancioneros (eruditos ou populares), seja através das obras de poetas clássicos ou modernos (Catulo, Dante, T.S. Eliot, Siegfried Sassoon). Além disso, como já foi notado por outros autores, vários dos seus poemas, em todo ou em parte, são incorporados nas suas obras em prosa, como acontece com os poemas «Schemà», de que um dos versos dará o título *Se isto é um homem*; «Levantar-se», onde surge a palavra polaca «wstawać» que também aparece em *A Trégua*; «Lilith» que figurará no conto e livro com o mesmo título. Cesare Segre assinala em particular: «Os poemas contêm a essência da obra que acompanham, com algo mais: o elemento parenético. Levi, tão sóbrio em julgar e relutante em pregar, vai mais longe nestes poemas, como se a artificialidade da forma contrabalançasse a solenidade da mensagem» (Segre, 1988).

Para nos situarmos perante a voz que emana destes primeiros poemas, e do impulso que lhes deu origem — e que se revelará efectivamente rizomático para toda a obra de Levi —, teremos de os entender enquanto procura de uma compreensão que se inscreva na memória. Ou de uma forma de deposição, como refere Giorgio Agamben: «Dos homens que conheceram a extrema destituição da dignidade humana não podemos esperar uma deposição no sentido judiciário, mas qualquer coisa da ordem do lamento, da blasfémia, da expiação, da necessidade de se justificar [...]» (Agamben, 1998). Regressarei a estes tópicos mais adiante.

Israel e ser antifascista hoje

Durante o período em que expressou ter dado por concluído o seu vínculo na escrita com a experiência sofrida no *Lager*, Levi regressa pela primeira vez a Auschwitz, em 1965, para uma cerimónia comemorativa, e viaja a Israel, três anos mais tarde. Ambas as deslocações motivaram sentimentos pesados que começam a esboroar a ideia que Levi formara sobre ambos os lugares. Em 1982, a respeito da sua ida a Auschwitz, comenta numa entrevista com alguma ironia que «o regresso foi menos dramático do que poderia parecer. Demasiado alarido, pouca recordação, tudo bem arrumado, fachadas limpas, muitos discursos oficiais».³ A visita a Israel, ocorre após a Guerra dos Seis Dias e de várias tomadas de posição que Levi faz em defesa de Israel. A viagem, na companhia de mais quarenta ex-*partigiani* das brigadas *Giustizia e Libertà*, nem todos judeus, conduz Levi a visitar vários *kibbutz* e a descrever a forma como estes se organizavam e viviam. Levi não se expressa sobre a ocupação desses territórios, mas não deixa de notar que a forma como Israel se formara não correspondia à imagem que tinha formado, em particular não tinha correspondência com a forma como a diáspora judaica se estabelecera na Europa:

[...] encarando o país real, achei-o difuso e esquemático. Pensava em Israel como um canto da Europa, ou melhor, do Ocidente, encaixado no mundo oriental: não é assim, ou é assim em muito pouca medida. Israel não é a Europa: herdeira de todas as correntes de pensamento europeias, Israel carece visivelmente daquele sedimento histórico que une a Europa de Gibraltar aos Urais e que constitui a espinha dorsal de todos os seus aglomerados urbanos.⁴

Em 1978, totalmente liberto das suas funções na fábrica SIVA e dedicado por inteiro à escrita, Primo Levi publica *La chiave a stella* [*A chave de estrela*] que vence o prémio Strega. O sucesso provocado pelos seus novos livros relança a presença pública de Primo Levi, com várias traduções e adaptações dos seus livros, bem como entrevistas na imprensa e na rádio e televisão. Por estes anos a memória do Holocausto, a questão judaica e o estatuto de Israel no mundo ganham um novo protagonismo. A esse respeito, entre 1975 e 1979, Levi dá várias entrevistas em que esclarece a sua posição em relação ao seu judaísmo, declarando-se quatro quintos italiano e apenas um quinto judeu. Afirma também nessa altura que foram as leis raciais de 1938, em primeiro lugar, e Hitler, a seguir, que o haviam tornado judeu — antes era apenas um rapaz burguês italiano:

Tornei-me judeu em Auschwitz. A consciência de me sentir diferente foi-me imposta. Alguém, sem nenhuma razão no mundo, decidiu que eu era diferente e inferior: como

.....

3. «Levi: l'ora incerta della poesia», *Corriere della Sera*, 28 de Outubro de 1984 (Levi, 1997).

4. Sobre este momento em particular e todo o trajecto da relação de Primo Levi com Israel, leia-se Bellin, 2015.

reação natural, durante esses anos, eu senti-me diferente e superior... Neste sentido, Auschwitz deu-me algo que me ficou. Ao fazer-me sentir judeu, incitou-me a recuperar, mais tarde, um património cultural que antes não possuía...” (Rienzo, 1995).

Esse património cultural que adquirira assentava numa independência intelectual, na tradição talmúdica e no contacto com o judaísmo asquenaze da Europa de Leste. Os aspectos religiosos e místicos, esses, não lhe interessavam, afirmando que, se não por outro motivo, Auschwitz lhe havia liquidado qualquer tipo de possibilidade religiosa. Pensando e agindo sempre dentro desta perspectiva, entendia o judaísmo da diáspora, que, embora assentasse numa longa história de perseguições, continha igualmente uma história de tolerância, enquanto cultura que se nutria e germinava entre outras culturas. O crescente nacionalismo belicista de Israel e o posicionamento cada vez mais à direita dos seus governos não podiam por isso deixar de entrar em conflito com o antinacionalismo, e o humanismo ético e antifascista de Levi.

Com as eleições de 1977 em Israel ganhas pelo Likud, um partido criado apenas quatro anos antes pela junção de vários partidos de direita e liderado por Menahem Begin, que se tornaria primeiro-ministro, e a intensificação da política de expansão de colonatos israelitas que teve início após a Guerra dos Seis Dias, dá-se uma viragem política definitiva em Israel com o apoio da direita ocidental e reforçada pelo crescimento do sionismo religioso. Primo Levi começa então a expressar em várias entrevistas um desapontamento que comportava o sinal emergente de uma fractura que nascia entre o seu judaísmo enquanto uma cultura de diáspora e o seu reconhecimento, expressado anteriormente, da necessidade da existência de Israel como um porto seguro para todos os judeus que não encontrassem um lugar no mundo. Se, até à Guerra dos Seis Dias, Levi por diversas ocasiões mostrou o seu apoio à existência do Estado de Israel face às ameaças dos estados árabes vizinhos, em particular, nos discursos de Gamal Abdel Nasser nos quais figuravam expressões como o «extermínio do inimigo», não deixou, ao mesmo tempo, de reconhecer que o território onde o Estado de Israel se fundou não era um território deserto e que isso seria sempre um problema para o qual o exacerbar de um nacionalismo belicista e religioso não seriam nunca uma solução:

Em relação a Israel, sinto-me profundamente dividido. [...] A ponto de me impedir de fazer um julgamento objectivo. Nos anos 1935-1940, fiquei fascinado pela propaganda sionista, o país que descreviam e o futuro que previam pareciam-me admiráveis, o regresso à terra, a restauração de uma sociedade baseada na igualdade e na fraternidade, a regeneração através do trabalho manual, a rejeição da propriedade como fundamento da existência. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, aceitei a necessidade de uma pátria para os judeus de todos os países ameaçados pela ocupação nazi. No entanto, tenho de admitir que, a partir de 1950, esta imagem foi-se gradualmente apagando.⁵

.....

5. «Ebreo fino a un certo punto», diálogo com Edith Bruck, *Il Messaggero*, 9 de Janeiro de 1976. In: Levi, 1997.

Na primavera de 1980, Levi começa a escrita de *Se non ora quando?* [*Se não agora, quando?*], um romance em que o próprio dizia se ter visto pela primeira vez na pele de romancista, isto é, de um autor que constrói um romance pensado a partir de uma investigação própria, com um registo ficcional na construção dos seus personagens, do enredo e dos lugares. Uma história que não provinha da sua experiência directa, mas dos relatos de um grupo de judeus russos sobre a experiência vivida nos confrontos de guerrilha atrás das linhas alemãs, registados por um amigo seu, Emilio Finzi, enquanto trabalhava num centro de refugiados em Turim imediatamente a seguir à guerra. Ao mesmo tempo, esse livro não deixa de incorporar temas que Levi entendia ainda não ter abordado nos seus romances anteriores, em particular a sua experiência *partigiana*, mas também outros episódios que se passaram durante a viagem que fez de retorno do *Lager* e que não tinham figurado no livro *A Trégua*.

O livro *Se não agora, quando?* foi publicado em Abril de 1982. Mais tarde, numa entrevista a Philip Roth, Levi explicou que com este livro pretendia divertir-se escrevendo uma aventura, um *western* de uma história de esperança, com episódios cómicos e «ocasionalmente alegre, embora projectada sobre um fundo de massacre» (Roth, 1986 e Levi, 1997). Mas a esta intenção junta também dois outros objectivos. O primeiro era rebater o lugar-comum, que considerava estúpido e anti-histórico, apontado pelas novas gerações de vários países, e em particular de Israel, que afirmava que os judeus haviam sofrido humilhações e séculos de perseguição sem nunca se terem revoltado. O segundo, era o de ser o primeiro escritor italiano a descrever o mundo iídiche, centrado na cultura *Ostjuden*, através de elementos da história, língua, mentalidade e humor asquenazes.

Neste livro, o personagem Mendel, alter-ego do próprio Levi, à medida que a história se desenrola vai dando voz às suas dúvidas sobre a ideia de uma terra prometida, se esta seria verdadeiramente a terra do leite e do mel em que as pessoas se juntam para dançar numa roda ou se seria ainda um lugar em que teria de continuar a pegar em armas e a combater. Mendel observa as contradições com que se depara ao longo da viagem. Em constantes diálogos interrogativos com os seus companheiros procura estabelecer uma ideia sobre a sua condição e a possibilidade de um futuro: «Da terra prometida não lhe vinha nenhum chamamento, e mesmo ali teria talvez de caminhar e lutar. Bom, é o meu destino, aceito-o, mas não me aquece o coração» (Levi, 1982b). Nas páginas finais do livro, carregado de desencanto, mas também de maior serenidade e sabedoria, reflecte: «a gente pensa que toma uma decisão, mas na verdade segue o destino que alguém já escreveu. Quem? Estaline ou Roosevelt ou o Deus dos Exércitos» (Levi, 1982b). O livro termina com uma menção à data de 7 de Agosto de 1945, através de uma notícia de jornal que Mendel espreita sem conseguir entender. A notícia era a da primeira bomba atómica lançada em Hiroshima.

Num poema datado de 1978, dois anos antes do início da escrita de *Se não agora, quando?*, Primo Levi termina também com uma referência a Hiroshima. O poema intitula-se «A menina de Pompeia», e parte do molde de gesso de uma criança

abraçada à sua mãe, consumida «quando ao meio-dia o céu enegreceu». A seguir, o poema avança pelos séculos para incluir uma referência a essa outra menina, Anne Frank, «distante irmã» cujas «cinzas mudas foram espalhadas pelo vento» para chegar à «aluna de Hiroshima, / Sombra cravada na parede pela luz de mil sóis, / Vítima sacrificada no altar do medo», concluindo com um repto aos «potentados desta terra patrões dos novos venenos», declarando: «os tormentos dados pelo céu são mais do que suficientes. / Antes de premirem o dedo, parai e reflecti» (Levi, 2004).

*

A 6 de Junho de 1982 dá-se a invasão Líbano, o primeiro acto de guerra levado a cabo por Israel que não é motivado por uma razão de defesa. A 16 de Junho é publicado no *La Repubblica* um apelo à retirada imediata de Israel do Líbano intitulado «Perché Israele si ritiri» [Para que Israel se retire], assinado por vários intelectuais italianos que nas primeiras linhas se definem como «democráticos e judeus». O texto fora redigido pelo próprio Levi entre o dia 7 e o dia 11 de Junho e entre os vários nomes dos signatários estavam os de Edith Bruck e Natalia Ginzburg. Esta era uma tomada de posição que pretendia abrir uma discussão na comunidade judaica diaspórica sobre a sua relação com o estado hebraico. No total o texto recolhe 1100 assinaturas. Nele, vinha criticada a «solução militar» empreendida por Israel que evocava «uma linguagem de triste memória para cada judeu» e apontava para o receio e a necessidade de com esse texto «combater os potenciais germes de um novo anti-semitismo que se juntaria às velhas e nunca desaparecidas tendências antijudaicas no seio da sociedade civil»:

Aqueles que noutros tempos tremeram perante a ameaça de destruição do Estado de Israel devem hoje encontrar a coragem e a força para se oporem à política do Governo Begin e a tudo o que ela representa para o destino democrático do Estado de Israel e para a perspectiva de uma coexistência pacífica com o povo palestino (Levi, 1982a).

Antes da publicação deste apelo, a 12 de Junho, aproveitando o sucesso de *Se não agora, quando?*, Primo Levi dá uma entrevista ao *La Stampa* que surge com o título «La Terra Promessa dei miei ebrei non è una potenza militare» [«A terra prometida dos judeus como eu não é uma potência militar»], o título é retirado de uma pergunta directa que é feita pelo entrevistador Giorgio Calagno:

Todas as suas personagens partem da Rússia para a Palestina, mas apenas uma é abertamente sionista. Qual é a atitude do escritor em relação ao sionismo?

P.L.: Não se exprime, mas penso que se pode intuir. Na altura, considerei o sionismo uma ideia-força e uma necessidade política. Estas pessoas só podiam seguir um verbo que tinha uma forma bíblica. Hoje, a questão tornou-se mais complicada, porque a Palestina está num nó geográfico sob tensões pavorosas, forçada a uma defesa dispendiosa e desgastante,

que impele também a acções imprudentes ou politicamente erradas. O sionismo de então pensava num país camponês. Israel, hoje, tornou-se num país militar e industrial» (Calcagno, 1982, p. 261).

Nesse mesmo mês, Levi faz a sua segunda viagem a Auschwitz, acompanhando estudantes, representantes da comunidade judaica de Turim e outros sobreviventes dos campos nazis. Na entrevista para a peça de televisão que é feita durante a viagem, declara num parêntesis que o termo Holocausto nunca lhe agradou, considerava-o «inadequado, retórico e sobretudo errado» (Ascarelli e Toaff, 1983), o que virá a reiterar em outras ocasiões. Em seguida, em resposta à pergunta que lhe era colocada sobre se seria possível haver um novo Auschwitz, um outro massacre como o de há quarenta anos, Levi responde que não, por razões de *imunização* que impediriam que na Alemanha renascesse um nazismo ou em Itália um fascismo igual ao que foi vivido e que por isso na Europa nas próximas décadas, nos próximos cem anos, não seria possível, acrescentando logo a seguir que «o mundo é muito maior do que a Europa e existem outros países onde há o desejo de fazer um outro Auschwitz e só lhes faltam os instrumentos para isso» (Ascarelli e Toaff, 1983, p. 356). Regressado dessa viagem, Primo Levi publica na primeira página do *La Stampa* o texto «Chi ha coraggio a Gerusalemme [«Quem tem coragem em Jerusalém»?]. Aí começava por situar Israel como a pátria idealizada de todos os judeus, na qual, em maior ou menor medida, se reconheceriam e identificariam os judeus da diáspora, mas acrescentava que as últimas décadas vieram distorcer e erodir esta imagem e que o ódio que o mundo árabe nesse período acumulara contra Israel agora se transformara no ódio de Israel pelos árabes, afirmando: «Israel, cada vez menos Terra Santa, cada vez mais um país militar, vai adquirindo o comportamento dos outros países do Médio Oriente, o seu radicalismo, a sua desconfiança em relação às negociações» (Levi, 1982). Levi não deixa de demonstrar o seu desacordo com a OLP e Arafat relativamente a Israel: «O problema palestino existe: não pode ser eliminado. Não pode ser resolvido à maneira de Arafat, negando a Israel o direito à existência, mas também não pode ser resolvido à maneira de Begin» (Levi, 1982). (Levi, 1982). Embora recuse comparações nazistas em relação à actuação do exército israelita, reconhece que o primeiro-ministro Begin estaria a provocar a si próprio essas mesmas comparações. Levi assume nestas linhas a sua vergonha e a sua laceração, reconhecendo um «vínculo sentimental profundo com Israel, mas não com esta Israel» (Levi, 1982) e temendo que esta iniciativa infligisse ao judaísmo uma degradação da sua imagem da qual dificilmente poderia recuperar.

A 16 de Setembro de 1982 dão-se os massacres nos campos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila, com a conivência de Israel (e mais tarde provado envolvimento do próprio exército, através do então ministro da defesa Ariel Sharon). Levi prossegue na sua denúncia, com mais duas entrevistas nesse mês. Numa delas, ao *La Repubblica*, entrevistado por Giampaolo Pansa, pede a demissão de Begin e de Sharon, invocando para o efeito uma razão de ordem política face ao isolamento em que Israel

estaria a precipitar-se e uma razão de ordem moral face à obstinação sanguinária que demonstravam, reconhecendo que o termo «fascista» se aplicava a Begin, admitindo até que o próprio não o recusaria (Pansa, 1982, p. 303-309). Um mês antes, numa entrevista a Fiona Diwan, publicada no suplemento semanal de *Il Corriere della Sera*, declara: «Nunca fui sionista e não o sou actualmente. Discordo das reivindicações sionistas e das acções actuais do governo israelita» (Diwan, 1982, p. 295).

No seguimento destas tomadas de posição, Primo Levi escreve, com data de 25 de Novembro, o poema «Uma ponte» que não pode deixar de ser lido como uma metáfora para a ligação entre o judaísmo diaspórico europeu e Israel, envenenado pela acção do governo de Begin:

Não é como as outras pontes,
Que aguentam as nevadas dos séculos
Para que os rebanhos sigam em busca de água e de pasto
Ou as pessoas passem alegres de um sítio ao outro.
Esta é uma ponte diferente,
Que se regozija se te deténs a meio caminho
E esquadrinhas o fundo e te perguntas se
Tencionas viver o amanhã.
É uma ponte surdamente viva
E que nunca tem paz,
Talvez porque da cavidade do seu pilar
Filtra lentamente como um veneno
Um velho malefício que não posso descrever;
Ou talvez, como se contava durante as vigílias,
Porque é fruto de um pacto perverso.
Porque aqui nunca irás ver a corrente
Reflectir tranquilamente a sua extensão,
Mas somente ondas encrespadas e remoinhos.
Por isso se lima a si mesma com areia,
E esfrega pedra contra pedra,
E empurra, empurra, empurra contra as margens
Para rachar a crosta da terra (Levi, 2004).

Entre 1982 e 1984 Primo Levi terá o seu período mais intenso na imprensa e na vida civil italiana, com dezenas de entrevistas e declarações a propósito de Israel. A 30 de Setembro de 1984, dois anos depois dos massacres de Sabra e Chatila, dá uma entrevista a Gad Lerner, intitulada «Se questo è un stato» [Se isto é um estado], na qual se opõe à ideia, que desde 1948 ganhava força, de que Israel seria o centro de gravidade do judaísmo no mundo:

Estou convencido de que o papel de Israel enquanto centro unificador do judaísmo se encontra agora – sublinho o «agora» – numa fase de eclipse. É, pois, necessário que o centro de gravidade do judaísmo se desloque, que volte para fora de Israel, para nós, judeus da diáspora, que temos a tarefa de recordar aos nossos amigos israelitas o fio condutor da tolerância judaica (Lerner, 1982, p. 462).

A respeito da Cisjordânia ocupada, declara que os governantes de Israel deveriam proceder à sua retirada dos territórios ocupados e que se o tivessem já feito então o problema entre os palestinianos e Israel já estaria resolvido. Para isso Israel não poderia ser entendido como o centro de gravidade do judaísmo e este tinha de regressar aos judeus da diáspora que deveriam fazer sentir a Israel «o peso numérico, cultural, tradicional e até económico da diáspora. Temos o poder e também o dever de influenciar, em certa medida, a política israelita. [...] Antes de mais, penso que é necessário insistir na retirada do Líbano. Igualmente urgente é acabar com os novos colonatos judeus nos territórios ocupados. Depois disso, como disse, a retirada da Cisjordânia e da Faixa de Gaza deve ser prosseguida de forma cautelosa, mas decisiva» (Lerner, 1982, p. 466).

Para Levi a corrente principal do judaísmo encontrava-se mais viva fora de Israel e situava-a nos Estados Unidos onde a própria cultura judaica, especialmente a asquenaze, estava mais viva e era determinante (Lerner, 1982, p. 465).

O seu envolvimento público na questão de Israel e o crescimento do revisionismo a respeito do Holocausto iniciado nos anos 1970 formam um período intenso e difícil, preenchido por tensões entre a sua faceta pública — aquela em que se via portador de uma memória e de um legado com o qual persistia em confrontar as visões do passado e os eventos políticos do presente —, e a do escritor — incapaz de se libertar desse desígnio, deixando os seus outros interesses e paixões numa desordem lacunar. Se no seu trabalho público prolifera a sua colaboração com o *La Stampa* e com outros periódicos na publicação e registo de conversas com jornalistas, em privado aceita traduzir Kafka (*O Processo*) e Lévi-Strauss para a Einaudi.

É ainda neste período, que Primo Levi prepara a publicação de *L'altrui mestiere* [*O ofício alheio*], uma reunião de pequenos ensaios que, como declara no seu prefácio, pretendiam explorar as «ligações transversais entre o mundo da natureza e o mundo da cultura» em vários desígnios, desde a zoologia e a astronomia, à linguística e à tradução.

Um portentoso instrumento de contacto humano

Entre as tomadas de posição cívicas e a exposição pública, os trabalhos de tradução e a sua ocupação em textos de cariz mais ensaístico — como os que viria a incorporar em *O Ofício Alheio*, mas também prefácios de livros, como o da nova edição das memórias autobiográficas de Rudolf Höss, comandante das SS responsável pelos *Lager* de Auschwitz e introdutor das câmaras de gás —, Primo Levi publica com a editora Garzanti

um volume alargado da sua poesia, que reunia os poemas já publicados na *Estalagem de Bremen*, e mais um conjunto de outros poemas seus publicados no *La Stampa*, e ainda um conjunto de traduções de poemas.

Apresentada pelo próprio em tom menor no texto que abre a recolha, Primo Levi reconhece na sua relação com a poesia uma forma de impulso inicial face à memória da própria experiência, um impulso que antecipava a sua vontade racional, um impulso contraditório: «Sou um homem que acredita pouco na poesia e que, no entanto, a pratica. Alguma razão para isso haverá» (Nascimbeni, 1984).

Esta razão, que se manteve até ao final da sua vida, estaria na possibilidade de «a poesia lhe parecer mais idónea do que a prosa para transmitir» o que tinha dentro de si, face às formas de horror e de ameaça com as quais a humanidade se confrontava e como, no decorrer do século XX, as via serem interpretadas, simbolizadas e transformadas em retóricas públicas e políticas. A razão dessa escrita permitia-lhe que certas palavras uma vez escritas num momento concreto, como no caso do poema «Shemà», pudessem, invocando a poesia, ultrapassar o momento original e ser um argumento «em suma, para todos os casos em que se coloca a questão de saber se a humanidade, no sentido mais pessoal da palavra, é preservada ou perdida, se é recuperável ou não» (Nascimbeni, 1984).

O título deste novo volume de poemas vem de um verso de *The Rime of the Ancient Mariner* [A Balada do Velho Marinheiro], de S. T. Coleridge: «Desde então, a uma hora incerta», é o verso 582 da balada e cuja estrofe completa, «Desde então, a uma hora incerta, / Aquela aflição regressa, / E se não encontra quem o oiça / Queima-lhe no peito o coração», surge também nos primeiros versos de um dos poemas desta recolha intitulado «O Sobrevivente». A importância desta estrofe traduz bem os dois períodos que concentram o maior número de poemas nesta edição, o primeiro período entre 1945-46 aponta para a identificação com o próprio marinheiro da balada: Levi no seu regresso de Auschwitz também se sentia dotado de um «estranho poder de falar» (verso 586) e com a mesma necessidade de deter quem passava e contar sua viagem: «Tinha-me tornado igual ao velho marinheiro da balada de Coleridge, que na rua agarra pelo peito os convidados que vão para a boda para lhes infligir a sua história sinistra de malefícios e fantasmas». Mas relativamente ao segundo período que reúne poemas de 1983-84, Levi explica que se tratou de «um momento muito difícil. A publicação do romance [*Se não agora, quando?*] coincidiu com a crise no Líbano, que era uma crise para todos, não apenas para os judeus. Pareceu-me natural, de novo, abrir caminho a uma linguagem poética» (Nascimbeni, 1984). Embora mantendo um mesmo tom lapidar, estes poemas operam uma leitura moral da realidade e as perguntas que continuam a pontuar os seus versos, recorrendo a personagens simbólicas e a antropomorfismos, apontam para a indignação como um património comum. Trata-se de poemas que Levi quis que falassem de viva voz, numa via directa, publicando-os espaçadamente na página da sua rubrica no jornal:

.....

6. Nota a «Se questo è un uomo, versione drammatica» (Levi, 2016, p. 1196)..

Quando os meus versos são publicados na terceira página do *La Stampa*, recebo cartas e telefonemas de leitores que expressam a sua aprovação ou discordância. Se um dos meus contos é publicado, a reacção não é tão animada. Tenho a impressão de que a poesia em geral se está a tornar um instrumento portentoso de contacto humano (Nascimbeni, 1984).

Embora escassa, no tempo que mediou estes dois períodos (para o período entre 1949 e 1965 apenas escolheu oito poemas), Levi nunca interrompeu a escrita de poesia, como o atestam as datas com que assinalava a conclusão de cada poema. Se essa escassez o impediu de se considerar poeta (tal como até 1975 não se considerou escritor), a poesia de Levi estabelece uma via paralela com a do prosador. É da produção desta sua metade não racional que antecipa as suas prosas narrativas, contos e textos mais ensaísticos, desde *Se isto é um Homem* até *I sommersi e salvati* [*Os que Sucumbem e os que se Salvam*], passando por praticamente todas as suas obras intermédias, como documenta Marco Belpoliti: «A génese contemporânea dos versos e das páginas de testemunho é um elemento importante para a compreensão de toda a obra de Levi» (Belpoliti, 2015). Esta precedência estaria de acordo com a afirmação de Levi na sua nota introdutória de que a poesia nascera primeiro do que a prosa. No entanto, não foi apenas pela escassez de poemas, e dos intervalos a que estes lhe surgiram, que Levi se recusou a aceitar a designação poeta, mas também por motivos da própria oficina da escrita de poemas: «conheço mal as teorias da poética, leio pouca poesia de outros, não creio na sacralidade da arte, e nem sequer creio que estes meus versos sejam excelentes.»⁷ A afirmação de fraco elo com a poesia de outros é desmentida pelas referências que encontramos nos seus poemas: ao Velho Testamento e às tradições judaicas, a Catulo, Dante, Villon, Rilke, Sassoon e Eliot (por exemplo, nos poemas «Ostjuden», «O canto do corvo (II)»), na forma de citações, mais ou menos explícitas e de glosas e aproximações (por exemplo, nos poemas «A partir de R. M. Rilke», «Aportar» e «Pio»). E é desmentida pelos comentários sobre poesia e reflexões sobre arte poética e sobre poetas que Levi desenvolve em livros como *L'altrui mestiere* [*O ofício alheio*] ou em *Racconti e saggi* [*Contos e Ensaios*]. A fraqueza desse elo só existe, na verdade, com a própria poesia italiana do pós-guerra, do hermetismo ao neo-realismo. Tal como a prosa, a poesia de Levi segue em contramão, recriando, de modo próprio, formas de jogos de linguagem, como os que podemos encontrar no poema «O primeiro atlas», terminologias dos campos das ciências («Aracne» e «Pintadina») e invectivas e premonições que surgem pela voz de animais e de seres mortos ou inanimados, como o «absurdo» sete vezes repetido no poema «O elefante». No lado mais formal, encontramos vários elementos epigramáticos («Partigia»), repetições e métricas («Crescenzago», «Fuga», «Espera»), que orquestram o ritmo dos poemas contribuindo para uma precisão expressiva que Levi reivindica em contraponto a qualquer lirismo e com a qual, de forma mais pessoal, expõe os seus sentimentos de culpa e de vergonha, de angústia e de resistência que viriam a agudizar-se nos anos seguintes.

7. Nota de abertura (Levi, 2024).

A zona cinzenta

Em 1985, Primo Levi visita os Estados Unidos para uma série de palestras e entrevistas por ocasião da tradução americana de *Se não agora, quando?*. A tradução de *A Tabela Periódica* tinha saído poucos meses antes e as críticas foram muito favoráveis, com particular destaque para uma recensão de Saul Bellow que despertou o interesse pela sua obra e deu espaço a que surgissem vários artigos na imprensa cultural de Nova Iorque. Levi é por esta altura reconhecido internacionalmente pelo público, embora nos anos precedentes as traduções das suas obras não tenham tido um particular destaque. Nesta sua estadia é surpreendido ao ser descrito como um escritor «judeu italiano» e percebe que nos eventos em que participa o público é também ele maioritariamente, senão exclusivamente, judeu:

A última vez que fui à América, em 1985, foi como se me tivessem novamente cosido a estrela de David! [...] Tornou-se quase uma tarefa cómica. O meu editor é judeu, tal como todos os seus colaboradores. Apresentou-me exclusivamente a judeus americanos ilustres. Dei conferências perante audiências constituídas apenas por judeus. E isto aconteceu não só em Nova Iorque, mas em todo o lado onde fui. A minha mulher e eu começámos a perguntar-nos onde estariam todos os outros (Sodi, 1987).

Esta situação viria a criar um problema, assim descrito pelo próprio:

Tinha de dar uma conferência para um grupo em Brooklyn e, pela primeira vez na minha vida, vi-me perante uma audiência só de judeus. Eram todos homens e judeus. Fiz o meu discurso, que tinha sido escrito em Inglaterra. Não sei exactamente o que eles perceberam, dado o meu péssimo sotaque. Assim que terminei, começaram a fazer-me perguntas sobre Israel e acerca da minha posição sobre o conflito israelo-árabe. Quando comecei a explicar que considerava Israel um erro em termos históricos, houve um tumulto geral e o moderador teve de interromper a reunião (Greer, 1985).

Esta viagem será também registada no poema «Aeroporto» no qual Levi torna mais claro o seu sentimento sobre os Estados Unidos, situando o poema não na chegada, mas no regresso a casa, onde «fartos de palavras estrangeiras» os esperava a filha Lisa e concluindo: «não creio que tenha sido uma viagem inútil».

Era o momento da intensificação do designado «Holocaust Discourse» que dominaria nos anos oitenta, sobretudo nos Estados Unidos e com Elie Wiesel como um dos principais autores e figura de testemunho. Levi dá-se conta desta transformação, que tendia a interpretar o extermínio como subordinado a uma profecia, sacralizando-o e conferindo-lhe uma identidade judaica voltada para Israel e que mascarava o carácter humano e político da realização do extermínio, permitindo esbater a sua relação com o fascismo.

I sommersi e i salvati [Os que sucumbem e os que se salvam] será o seu último livro, publicado em Abril de 1986. A quarenta anos de distância, o título era recupera-

do do manuscrito de *Se isto é um homem* que apenas ganhou este outro no momento da sua impressão. A palavra *sommersi* vem de Dante, do vigésimo canto do Inferno: *Di nuova pena mi convien far versi | e dar materia al ventesimo canto | della prima canzon, ch'è de' sommersi*.⁸ A epígrafe retoma os já referidos versos 582 a 585 de *A Balada do Velho Marinheiro* de S. T. Coleridge e que já tinham integrado a sua recolha de poemas. Dante e Coleridge permanecem referências cruciais no conjunto da sua obra.

É um livro escrito contra o esquecimento e contra o que entendia ter sido uma das principais intenções do nazismo, uma guerra contra a memória, recordando, logo na introdução uma advertência, citada por Simon Wiesenthal no livro *Gli assassini sono fra noi* [*Os assassinos estão entre nós*], proferida cinicamente pelos oficiais das SS aos prisioneiros:

Seja como for que esta guerra termine, a guerra contra vocês nós é que a ganhámos; nenhum de vós ficará para dela dar testemunho, mas ainda que algum escape, o mundo nele não acreditará. Talvez haja suspeitas, debates, pesquisas de historiadores, mas não haverá certezas, porque nós teremos destruído as provas juntamente convosco. E quando ainda restar alguma prova, e alguns de vós sobrevivido, as pessoas dirão que os factos que vocês contam são demasiado monstruosos para serem credíveis: dirão que são exageros da propaganda dos Aliados, e acreditarão em nós, que negaremos tudo, não em vocês. A história dos *Lager* seremos nós a ditá-la (Levi, 1991, p. 5).

Apresentando-se «já não em vestes de testemunha, mas de interrogador» (Calcano, 1986, p. 611), um ponto de partida incómodo do qual fora ganhando consciência ao ler o que vinha sendo escrito sobre o projecto nazi, as memórias de outros e relendo as suas, Levi confronta-se com uma necessidade de verdade face ao negacionismo que ganhava forma através das teses lançadas por Robert Faurisson em França. Faurisson negava a existência das câmaras de gás e dos fornos crematórios, e, a par, assistia-se às «derivadas da memória» que propunham um revisionismo da Alemanha face à ameaça soviética com comparações entre os *Lager* e os *Gulag* russos. Esse seu último livro é contra a retórica, chamando a atenção para a etimologia da palavra «monumento» que remete para aviso e lembrança. É esse aspecto que procura reter, e não a ideia de uma memória tutelada que esbata contradições, fraquezas, traições, sobrevivências e resistências. Um livro contra a celebração que transforma a possibilidade de um testemunho individual numa identidade e que a converte ora num álibi ora numa impunidade, que afunda características humanas e sociais para as revestir de uma condição suprajacente que acomoda a memória numa forma de messianismo ou determinismo e, no limite, numa culpa colectiva. Ou seja, contra todas as formulações que não ajudam a apreender o presente e a reconhecer as zonas cinzentas em que identidades tranquilizadoras e certezas de pertença emergem radicalmente reformuladas.

8. «De nova pena me convêm mais versos / e dar matéria ao vinteno canto / da primeira canção, que é dos submersos» (Alighieri, 2011, p. 187).

A condição do sobrevivente/salvo (*salvati*) e a do soçobrado/sucumbido (*sommersi*), desdobram a categoria de vítima, tantas vezes transformada numa categoria retórica. Se os sobreviventes dos *Lager* formam uma «minoria anómala» (Levi, 1991, p. 61) cuja experiência é sempre parcial, pois não foi levada até às últimas consequências, os soçobrados, por outro lado, eram os mortos-em-vida, com as suas capacidades aniquiladas pelo sofrimento e incompreensão e por isso já irrecuperáveis, mesmo antes da sua morte física.

Precisamente nos capítulos intitulados «Zona Cinzenta» e «Vergonha», que em conjunto formam o núcleo mais duro do livro, Levi expõe como a distância entre a vítima e o carcereiro é povoada por outras figuras que administravam a violência entre os prisioneiros à procura do privilégio junto das autoridades dos campos, e como a angústia da libertação, a vergonha e o sentimento de culpa dos salvos dividiu os sobreviventes entre os que calam e os que contam, sem nunca ser possível, em qualquer dos casos, obter um relato total do sucedido. Ao mesmo tempo, recusa a ideia que vinha ganhando forma de a experiência interna dos campos se tornar num indizível. Levi, para usar um termo próximo da sua actividade de químico, vai destilar estas duas condições na sua diferença irremediável e procede à análise de maior detalhe daquilo que foram os campos de extermínio, apreendendo o seu alcance e especificidade. Mostra «como o sistema concentracionário nazi permanece um *unicum*, tanto pela sua dimensão como pela sua qualidade. Em nenhum outro lugar e tempo se assistiu a um fenómeno tão inesperado e complexo: nunca tantas vidas humanas foram extintas em tão pouco tempo e com uma combinação tão lúcida de engenho tecnológico, fanatismo e crueldade» (Levi, 1991, p. 13).

Levi investiga também a memória dos opressores, dos alemães que inventavam para si uma outra memória, uma ausência de conhecimento ou reduzindo-a a acções delegadas e por isso sem culpa. Homens e mulheres que desempenharam um trabalho abominável, mas que tinham também eles um passado, família, origem e que regressados às suas casas e ofícios, tiveram filhos e netos. Junta ainda um capítulo intitulado «Cartas dos alemães», no qual expõe a sua incapacidade ao tentar compreender-lhes, a incapacidade enunciada no prefácio que fez questão de publicar na tradução alemã de *Se isto é um homem*.

Num poema datado de Julho de 1985, com o título «Em julgamento», Levi leva ainda mais longe essa memória e invenção numa alegoria de um tribunal onde responde um destes alemães:

— O teu nome? — Alex Zink. — Onde nasceste?

— Em Nuremberga, cidade ilustre e antiga:

Justamente famosa, ó justo juiz,

Erstens, porque ali foram ditadas

Certas leis que aqui não interessam;

Zweitens, por um processo discutível;

Drittens, porque lá são produzidos
Os melhores brinquedos do mundo.
— Diz-me como viveste,
Sem mentires. Aqui seria inútil.
— Fui trabalhador, ó justo juiz.
Pedra sobre pedra, marco a marco,
Fundeí uma indústria modelo.
O melhor cotim, o melhor feltro
Eram aqueles da firma Zink.
Era um patrão humano e diligente:
Preços honestos, salários generosos,
Sem uma queixa dos meus clientes,
E acima de tudo, como te dizia,
O melhor feltro produzido na Europa.
— Usavas boa lâ?
— Lâ fora do comum, ó justo juiz.
Lâ solta ou entrançada,
Lâ da qual eu tinha o monopólio.
Lâ negra e castanha, fulva e loira;
Muitas vezes cinzenta ou branca.
— De que rebanhos?
— Não sei. Não me interessava:
Pagava-a em dinheiro.
— Diz-me: os teus sonos foram tranquilos?
— Por norma sim, justo juiz,
Mesmo se algumas vezes, em sonho,
Ouvisse gemerem fantasmas lutuosos.
— Desce, tecedor
(Levi, 2024, p. 191).

Porém, «para Levi, “compreender é quase justificar”». O limite dos seus esforços argumentativos, do exercício da razão cognitiva, atinge aqui o seu extremo: «é preciso conhecer, mas não compreender, escreve, porque “no ódio nazi não há racionalidade: é um ódio que não está em nós, está fora de nós, é um fruto venenoso nascido do tronco mortal do fascismo, mas está fora e para além do próprio fascismo. Não o podemos compreender; mas podemos e devemos compreender de onde vem, e estar atentos”» (Belpoliti, 1997).

O livro termina com palavras dirigidas aos jovens. Primo Levi, que por estes anos junta às suas intervenções na imprensa várias apresentações em escolas e em

eventos com jovens, dava-se conta de como a estes a experiência do *Lager* que lhes trazia era cada vez mais estranha, e sobretudo, à medida que os anos passavam, ia sendo recebida como um anacronismo e relegada para um período histórico:

Para os jovens destes anos 80, estas são as coisas dos seus avós: distantes, esfumadas, «históricas». Eles estão confrontados com os problemas de hoje, que são diferentes, urgentes: a ameaça nuclear, o desemprego, o esgotamento dos recursos, a explosão demográfica, as tecnologias que se renovam freneticamente e às quais temos de nos adaptar. A configuração do mundo alterou-se profundamente, a Europa já não é o centro do planeta (Levi, 1991, p. 150).

Levi procura responder ao desafio por eles colocado, lembrando que os massacres ocorridos num passado recente deixam sempre sementes que podem germinar no presente, que «o testemunho é sempre um acto de guerra contra o fascismo» (Levi, 1991, p. 11), e que não há nenhum país imune a futuras ondas de violência geradas pela «intolerância, pela ânsia de poder, por motivos económicos, pelo fanatismo religioso ou político, por fricções raciais» (Levi, 1991, p. 151). Manifesta, por fim, a sua preocupação por uma geração «céptica a entrar na idade adulta, sem ideais mas com certezas, [...] disposta, em vez disso, a aceitar pequenas verdades, que mudam de mês para mês na onda convulsiva das modas culturais» (Levi, 1991, p. 150).

De profundis

Ao longo da sua vida Primo Levi sofreu de depressões que, com frequência, surgiam após a publicação de um dos seus livros. Foram-se tornando mais agudas a partir do final dos anos setenta e mais ainda na década seguinte, quando o reconhecimento internacional, sobretudo nos Estados Unidos, graças a artigos publicados por Saul Bellow primeiro e, mais tarde, por Philip Roth no seguimento da visita à sua casa em Turim, o tornam num escritor célebre e por isso obrigado aos esforços de apresentações literárias, e a relações públicas que o esgotavam e que o colocavam, não por vontade própria, imerso num campo de leitura dos acontecimentos relativos à Alemanha Nazi que alteravam a historiografia e que, como ficou famosamente registado por Elie Wiesel, via o Holocausto como um acontecimento que «transcendia a história». Levi, continua a intervir na imprensa escrita, mas nas entrevistas começa a fazer notar um certo cansaço, sentindo poder estar em causa o seu testemunho quando os discursos que ganhavam protagonismo pareciam querer tornar inúteis a dor e a memória.

Duas participações públicas de Primo Levi são particularmente importantes neste período. A primeira, em 1985, é uma entrevista televisiva conduzida por Giorgio Bocca intitulada «Essere antifascista oggi» [Ser antifascista hoje] onde Levi alerta que ser antifascista, ao contrário dos anos 1940 em que a escolha era fácil, se tornara mais difícil, pois o fascismo se encontrava aninhado de muitas formas e mascarado, para lá

dos partidos, nos próprios modos de viver. Embora considerando «óbvio e inútil», Levi acentua: «eu sou antifascista, que fique bem claro» (Bocca. 1985, p. 548).

Esta necessidade de acentuação do seu antifascismo comportava igualmente um aspecto menos óbvio, e bem exposto por Enzo Traverso, assente no facto de «o crescimento da memória do Holocausto ter correspondido ao declínio da memória antifascista» (Traverso, 2021 e 2021a). Enzo Traverso relembra o texto escrito para o memorial inaugurado em 1980 no pavilhão italiano do Museu de Auschwitz ⁹, no qual Levi começava por declarar: «A história da deportação e dos campos de extermínio, a história deste lugar, não pode ser separada da história das tiranias fascistas na Europa» (Levi, 1997b, p. 13), prosseguindo com uma forte e inequívoca defesa do antifascismo, para concluir com a declaração de que ninguém ali era um estrangeiro, e um apelo aos visitantes, para que «o fruto horrendo do ódio, cujos vestígios aqui vocês viram, não dê nova semente, nem amanhã nem nunca» (Levi, 1997b, p. 14).

A segunda razão para vincar o seu antifascismo, complementando a crescente despolitização da memória, era dirigida ao revisionismo alemão que, em particular, através de Ernst Nolte e do seu livro *La guerra civile europea, 1917-1945. Nazionalismo e bolscevismo* [*A guerra civil europeia, 1917-1945. Nacional Socialismo e Bolchevismo*], interpretavam o nazismo como uma reacção ao comunismo russo. Apontavam os *Gulag* soviéticos como inspiração directa para os campos de extermínio nazis, enquanto apresentavam «os massacres de Hitler como uma defesa preventiva contra uma invasão “asiática”» (Levi, 1991a, p. 159), isto é, uma invasão russa da Europa, para desse modo reabilitar em definitivo a Alemanha entre as nações europeias.

O texto intitulado «Il buco nero di Auschwitz» [«O buraco negro de Auschwitz»] é publicado no *La Stampa* a 22 de Janeiro de 1987 e nele Levi procura repor a verdade e objectividade dos factos quanto a essas comparações entre os *Gulag* soviéticos e os *Lager* nazis, que procuravam estabelecer falsas semelhanças e deixar de parte a «inovação tecnológica» das câmaras de gás com toda a eficiência industrial nazi, que não só produzia o gás, mas ainda recolhia, para as fábricas alemãs, os cabelos, e para os bancos, o ouro dos dentes dos cadáveres. A concluir, Levi assinala a «diferença

.....

9. Instalado no Blocco 21 de Auschwitz era composto por uma instalação idealizada pelo arquitecto Ludovico di Belgiojoso e realizada por Nelo Risi, onde atravessando um túnel de vários metros, além das palavras de Primo Levi, figuravam as pinturas de Pupino Samonà e uma faixa sonora composta por Luigi Nono. O memorial, após anos de abandono e de falta de apoio à sua conservação por parte dos sucessivos governos polaco e italiano, foi unilateralmente encerrado ao público e aos estudiosos pela direcção do museu polaco em Julho de 2011, com o argumento de que «não correspondia às orientações do Museu emanadas nos últimos anos, e que não estava «em linha com as restantes instalações, mais didácticas e documentais e menos artísticas». Mais esclarecedoras quanto às reais intenções foram as declarações do ministério dos Negócios Estrangeiros italiano de então que, numa declaração ao *La Repubblica*, declarou que o problema era «a presença na obra de referências artísticas ao comunismo, actualmente consideradas ilegais na Polónia» por serem símbolos inaceitáveis depois da queda do Muro de Berlim. Ameaçado de desmantelamento, o memorial pôde ser salvo graças à intervenção da Associação Nacional de Ex-Deportados nos Campos Nazis (ANED), com a sua deslocação para Florença onde hoje pode ser visitado.

moral e jurídica entre quem faz e quem deixa fazer», mas não deixa de lembrar que, relativamente ao contínuo funcionamento dos campos de extermínio até à sua libertação, «é verdade que os americanos se recusaram a bombardear as linhas de caminho de ferro que conduziam a Auschwitz (embora tenham bombardeado extensivamente a zona industrial adjacente) e também é verdade que a falta de auxílio dos Aliados se deveu a razões sórdidas, nomeadamente ao medo de ter de alojar e manter milhões de refugiados ou sobreviventes» (Levi, 1991, p. 160).

Nas restantes entrevistas que dará até ao termo da sua vida, a preocupação de Levi em se dirigir às mudanças do presente torna-se mais explícita. O mundo estava prestes a reconfigurar-se novamente, as inovações técnicas iniciavam a sua aceleração vertiginosa e a ambiguidade da ciência acentuava de forma mais explícita a vocação totalitária do poder. O acidente de Chernobyl em 1986 chegava para demonstrar como a ameaça nuclear não era apenas militar, mas também as preocupações ecológicas, a consciência de que se estavam a gastar em excesso e de modo irreversível os recursos do planeta, o surgimento da clonagem e da manipulação genética, a SIDA e o estigma sexual e social que promovia, «tudo isto é novo, não existia há trinta anos [...] ao nível da consciência e também da actividade prática. [...] Que não se danifique de modo irreversível o ambiente em torno de nós; isso é possível... e por ambiente entendo também a humanidade» (Mastroferato, 1986, p. 659).

Numa conversa com Vera Székács, em Outubro de 1985, Primo Levi reforçará essas preocupações, juntando o facto de, aos olhos de muitos indivíduos e nações, o estrangeiro ainda ser visto como inimigo. Declara que, na sua opinião, não fazia muito sentido aventar previsões para lá de cinco anos, mas conclui: «Pois bem, estou convencido de que, nos próximos cinco anos, não haverá guerra mundial, nem convencional nem nuclear. Que a poluição ambiental diminuirá nos países industrializados, mas será exportada, durante algum tempo, para os países do “terceiro mundo”, que preferem, não sem razão, a poluição à fome. Que a xenofobia continuará a existir, mas não se traduzirá em massacres como os desencadeados pelos nazis ou pelos cambojanos. Que o maior número de vítimas humanas será causado não por guerras, mas por fomes, desertificação, secas, terremotos, inundações e outras catástrofes naturais, em parte evitáveis, em parte não» (Székacs, 2018, p. 786).

Cinco anos provaram ser uma medida avisada por parte de Levi.

Efectivamente, a Guerra Civil Jugoslava começaria em Agosto de 1990 bem como a guerra do Golfo, e em 1992 é proferido o discurso da jovem Severn Cullis-Suzuki, então com 13 anos, na «United Nations Conference on Environment and Development (UNCED) – Earth Summit» no Rio de Janeiro, declarando representar a primeira geração que tem que se preocupar na infância com o medo da destruição do planeta e alertando para o impacto dos modelos económicos, de consumo e de industrialização dos países do Norte que acentuam as desigualdades geográficas e sociais e põem em causa o futuro das gerações mais novas, das espécies e da vida na Terra. Numa das suas últimas entrevistas, em Fevereiro de 1987, Levi expressa a necessidade

de a comunidade científica reconhecer o seu «sinistro poder». Admitindo a possibilidade da existência de uma ciência neutra, Levi reconheceu então que existe uma outra que certamente não o é e para a qual é necessário que cada jovem cientista diga «basta» e se recuse a trabalhar para a destruição (Vicentini et. al, 1987, p. 663-664).

Num poema com o título «Procuração», de Junho de 1986, Levi lança o apelo às gerações menos cansadas para que meditem nos erros das mais velhas que agora lhes passam o testemunho e que tentem «reprimir a repulsa e o tédio / Das nossas dúvidas e das nossas certezas. / Nunca fomos tão ricos, e, no entanto, / Vivemos entre monstros embalsamados, / E outros monstros obscenamente vivos.» O poema termina declarando: «[...] Nós / Penteámos a cabeleira dos cometas, / Decifrámos os segredos da génese, / Pisámos a areia da lua, / Construimos Auschwitz e destruimos Hiroshima. / Vês: não nos deixamos ficar inertes. / Sujeita-te, perplexo: / Não nos chames mestres» (Levi, 2024, p. 121).

Em várias ocasiões Primo Levi identificara-se com a figura do centauro (apresentada num dos seus contos): «Sinto-me um centauro. Porque sou duplo, híbrido, bífido. Sou italiano e judeu, químico e escritor, racionalista e poeta» (Martinelli, 1987, p. 584). Esta divisão, que sempre representara uma tensão na sua actividade, para a qual a escrita e o discurso cívico serviam como funções libertatórias, ameaçava agora romper-se. Levi procura disfarçar um tom de descrença no próprio poder da linguagem e na sua capacidade para ainda ser capaz de escrever. A poesia ressurgiu: a quantidade de poemas escritos entre o final de 1984 e Janeiro de 1987 assinala, não apenas na frequência mas sobretudo na temática, os temores e dúvidas para as quais se sentia agora incapaz de responder em prosa: a diferença entre compreender e perdoar, a ameaça de presentes e futuros massacres, as possibilidades da extinção humana por «Nós rebentos rebeldes / De muito engenho e pouco juízo» que a Terra «Destruiremos e corromperemos / Cada vez com mais pressa». A depressão é nos últimos meses agravada por questões mais estritamente pessoais, a doença da sua mãe, a sua própria saúde e a ansiedade pela perda da memória que o levariam a 19 de Fevereiro a escrever à amiga e tradutora Ruth Feldman: «Estou a passar pelo pior momento desde Auschwitz: em alguns aspectos, é ainda pior do que Auschwitz, porque já não sou jovem e tenho pouca capacidade de recuperação.» Levi concluía a carta com a expressão do livro dos salmos: *de profundis* (Anissimov, 1992).

A morte de Levi chegaria na manhã do dia 11 de Abril de 1987 com a queda pelo fosso das escadas do prédio onde sempre habitou. A questão de se ter tratado de um suicídio ainda hoje permanece por resolver, havendo vários indícios que favorecem essa tese e também vários outros que a põem em causa, atribuindo antes a morte a um acidente causado pelo estado de fragilidade em que Levi se encontrava. Menos dúvidas parecem ter tido os obituários que logo se apressaram a atribuir a morte à síndrome de sobrevivência ao Holocausto que motivara outros suicídios como os de Jean Améry ou de Paul Celan. Amigos próximos, como Natalia Ginzburg ou Ferdinando Camon, apontaram para essa mesma causa nas suas declarações, mas em nenhuma outra a ênfase

no passado, na sua «experiência fundamental», assumiu um carácter de pior gosto e desrespeito por toda a vida e obra de Levi, como a que seria pronunciada por Elie Wiesel, publicada no *Corriere della Sera* no dia seguinte à sua morte, ao afirmar que «Levi morrera quarenta anos antes em Auschwitz». Se não apenas pela diversidade da sua obra, dos seus interesses e por todo o seu intenso envolvimento cívico — no qual Levi demonstrou uma vitalidade que foi capaz de resistir ao pessimismo —, então as suas próprias declarações a esse respeito bastariam para o desmentir: «Este veneno [referindo-se a Auschwitz] foi exorcizado, já não me corre nas veias» (Borgia, 1985, p. 535).

Não há dúvidas de que um livro como *Os que sucumbem e os que se salvam* demonstra como «a marca de Auschwitz não pode ser apagada: na vida de um homem, na história do mundo» (Calcagno, 1986), mas não no sentido apontado pelo fatalismo carrasco de Wiesel. Renzo, o filho de Levi, no comentário à morte do pai afirmou: «Penso que o meu pai já tinha escrito o último acto da sua existência. Leiam a conclusão de *A Trégua* e compreenderão.»

Se o último livro escrito em vida por Levi pode servir como último acto, então à sua história finalmente (re)contada seguir-se-ia a libertação, como contava o marinheiro, e aqui permito-me juntar as palavras do poeta português Alberto Pimenta no texto que escreveu para acompanhar a sua tradução de *A Balada do Velho Marinheiro*, a propósito, precisamente, das estrofes que toda a vida acompanharam Primo Levi: «É talvez uma compulsão dessas que habita e sempre habitou o poeta (que o é, se me permitem), pelo menos até ao momento em que pode ter de ser levado a clamar “não mais, musa, não mais...”» (Coleridge, 2017, p. 64).

Levi com o seu estranho poder de falar e com o rigor preciso e sóbrio dos seus argumentos, apresentou ao longo da vida um testemunho pessoal e defendeu uma memória colectiva para sempre reconhecida numa pergunta, duas vezes formulada no poema «Shemà»: «...se isto é um homem?», «...se isto é uma mulher?». Hoje esta pergunta mantém-se válida e, tal como no século passado, é necessário que cada um de nós se confronte pessoalmente perante a sua escuta, e combata, senão expressamente pelo menos em consciência, os sequazes dos discursos retóricos e cínicos que procuram repisar, como um grande tãção, o tempo de cada época. ●

BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio (1998). *Quel che resta di Auschwitz*. Torino: Bollati Boringhieri.
- ALIGHIERI, Dante (2011). *A Divina Comédia*. (Vasco Graça Moura, trad.). Lisboa: Quetzal.
- ANISSIMOV, Myriam (2022). «Primo Levi ou la tragédie d'un optimiste». <https://www.nonfiction.fr/article-11181-primo-levi-ou-la-tragedie-dun-optimiste.htm>.
- ASCARELLI, Emanuele e TOAFF, Daniel (1983). «Ritorno ad Auschwitz». *Sorgente di vita*, RAI 2. In: LEVI, Primo (2018).
- BELLIN, Stefano (2015). «The Wound and the Hope: Primo Levi's Troubled Relationship with Israel». In: *NeMLA Italian Studies. Special Issue: The Jewish Experience in Contemporary Italy*.
- BELPOLITI, Marco (1997). Nota a «Il Lager». LEVI, Primo (1997).
- BELPOLITI, Marco (2015). *Primo Levi di fronte e di profilo*. Milano: Ugo Guanda Editore. Ebook.
- BOCCA, Giorgio (1985). «Essere antifascista oggi», transmissão televisa, «Prima Pagina», *Canale 5*. In: LEVI, Primo (2018).
- BORGIA, Lúcia (1985). «Il veleno di Auschwitz». RAI, «Rifarsi una vita». In: LEVI, Primo (2018).
- CALCAGNO, Giorgio (1982). «La Terra Promessa dei miei ebrei non è una potenza militare». *La Stampa*. In: LEVI, Primo (2018).
- CALCAGNO, Giorgio (1986). «Capire non è perdonare». *La Stampa*. LEVI, Primo (1997).
- CARO, Roberto Di (1987). «Il necessario e il superfluo». «Piemonte Vivo», 1, I. In: LEVI, Primo (1997).
- COLERIDGE, S. T. (2017). *A Balada do Velho Marinheiro*. (Trad. Alberto Pimenta). Lisboa: Edições do Saguão. p. 64.
- DIWAN, Fiona (1982). «Sono un ebreo ma non sono mai stato sionista». *Il Corriere della Sera*, suplemento «L'Umanità». LEVI, Primo (2018).
- GREER, Germaine (1985). «Germaine Greer talks to Primo Levi», *The Literary Review*. Tradução de Erminio Corti: «Colloquio con Primo Levi». In: LEVI, Primo (1997).
- LERNER, Gad (1982). «Se questo è un stato», *L'Espresso*. In: LEVI, Primo (2018).
- LEVI, Primo (1982). «Chi ha coraggio a Gerusalemme?». *La Stampa*.
- LEVI, Primo (1982a). «Perché Israele si ritiri». *La Repubblica*.
- LEVI, Primo (1982b). *Se non ora, quando?* Torino: Einaudi.
- LEVI, Primo (1988). *Opere. Vol. II: romanzi e poesie*. (Org. Pier Vincenzo Mengaldo). Torino: Einaudi.
- LEVI, Primo (1991). *I sommersi e i salvati*. Torino: Einaudi.
- LEVI, Primo (1991a). «Il buco nero di Auschwitz», *La Stampa*, 22 de Janeiro de 1987. In: *I sommersi e i salvati*, Torino: Einaudi.
- LEVI, Primo (1997). *Conversazioni e interviste 1963-1987*. (Org. Marco Belpoliti). Torino: Einaudi. Ebook.
- LEVI, Primo (1997a). *Primo Levi per l'ANED - L'ANED per Primo Levi*, Alberto Cavaglion (ed.). Introduzione di Bruno Vasari, Franco Angeli, Milano.
- LEVI, Primo (1997b). «Al visitatore». In: *Primo Levi per l'ANED - L'ANED per Primo Levi*, Alberto Cavaglion (ed.). Introduzione di Bruno Vasari, Franco Angeli, Milano.
- LEVI, Primo (2016). *Opere complete I*. (Org. Marco Belpoliti), Torino: Einaudi. LEVI, Primo (2018). *Opere Complete III – Conversazioni, interviste, dichiarazioni*. (org. Marco Belpoliti). Torino: Einaudi.
- LEVI, Primo (2024). *A uma hora incerta*. (Trad. Rui Miguel Ribeiro). Lisboa: Edições do Saguão.
- MARTINELLI, Giorgio (1987). «Ritratto di città con persone. Venti incontri torinesi». In: LEVI, Primo (2018).
- MASTROFERATO, Ennio (1986). «E se questo è un uomo». RAI 2, transmitido em 12 de Dezembro de 1986. In: LEVI, Primo (2018).
- PANSA, Giampaolo (1982). «Io, Primo Levi, chiedo la dimissioni di Begin». *La Repubblica*. In: LEVI, Primo (2018).
- RIENZO, Giorgio De (1975). «In un alambicco quanta poesia». In: *Famiglia Cristiana*.
- ROTH, Philip (1986). «A Man Saved by his Skills», *The New York Times Book Review*, 12 de Outubro,
- SEGRE, Cesare (1988). «Introduzione». In: LEVI, Primo (1988).
- SODI, Risa (1987). «An Interview with Primo Levi». *Partisan Review*, vol. LIV, 3, 1987. Tradução de Erminio Corti: «Un'intervista con Primo Levi. LEVI, Primo (1997).
- SZÉKÁCS, Vera (1985). «Conversazione con Primo Levi». In: LEVI, Primo (2018).

THOMSON, Ian (2002). *Primo Levi, a life*. London: Hutchinson.

TRAVERSO, Enzo (2021). «Revisiting the Life and Intellectual Legacy of Primo Levi». In: *Jacobin*:

<https://jacobin.com/2021/04/primo-levi-enlightenment-holocaust-auschwitz-memory-italian-jewish-legacy>.

TRAVERSO, Enzo (2021b). «Revisitar a vida e o legado intelectual de Primo Levi». In: Esquerda.net: <https://www.esquerda.net/artigo/revisitar-vida-e-o-legado-intelectual-de-primo-levi/74013>.

VINCENTINI, F. et. al. (1987). «Il sinistro potere della scienza». *Uomini e libri*, XXXIII. In: LEVI, Primo (2018).